

# ESTRELANDO

AUDREY HEPBURN

como a Atriz que queria um lar

TRUMAN CAPOTE

como o Romancista que queria uma mãe

MEL FERRER

como o Marido que queria uma esposa

BABE PALEY

como o Cisne que queria voar

GEORGE AXELROD

como o Roteirista que queria que o sexo fosse inteligente de novo

EDITH HEAD

como a Figurinista que queria trabalhar para sempre, continuar antiquada e nunca sair de moda

HUBERT DE GIVENCHY

como o Designer que queria uma musa

MARTY JUROW e RICHARD SHEPHERD

como os Produtores que queriam fechar um contrato pelo valor certo com as pessoas certas e fazer o melhor filme possível

BLAKE EDWARDS

como o Diretor que queria fazer uma comédia sofisticada para adultos, só para variar

HENRY MANCINI

como o Compositor que queria uma chance de fazer do seu jeito

e JOHNNY MERCER

como o Letrista que não queria ser esquecido

## COESTRELANDO

COLETTE

DORIS DAY

MARILYN MONROE

SWIFTY LAZAR

BILLY WILDER

CAROL MARCUS

GLORIA VANDERBILT

PATRICIA NEAL

GEORGE PEPPARD

BENNETT CERF

MICKEY ROONEY

AKIRA KUROSAWA

como o Ofendido

## E APRESENTANDO

LETTY COTTIN POGREBIN

como a Garota que viu raiar o dia

## A NOVA YORK DE HOLLY GOLIGHTLY

### 1. RESTAURANTE COLONY, AVENIDA MADISON & RUA 61

Onde o produtor Marty Jurow conquistou os direitos de *Bonequinha de luxo*.

### 2. GOLD KEY CLUB, RUA 56 OESTE, 26

Carol Marcus e Capote se encontravam aqui às três da manhã, sentavam na frente da lareira e conversavam, conversavam.

### 3. COMMODORE HOTEL, AVENIDA LEXINGTON & RUA 42

Onde a Paramount realizou um teste para escolher o intérprete de Gato, o gato de Holly.

### 4. O PIED-À-TERRE DOS PALEY

Uma suíte de três cômodos no décimo andar do St. Regis Hotel, onde Bill e Babe Paley moravam quando não estavam em sua propriedade em Long Island.

### 5. 21 CLUB, RUA 52 OESTE, 21

No filme *Bonequinha de luxo*, é onde Paul leva Holly para tomar um drinque, depois que ela se despede de Doc.

### 6. GLORIA VANDERBILT, RUA 65 ENTRE QUINTA AVENIDA E MADISON

Um prédio de tijolos marrons que serviu de modelo para o de Holly, e local onde Carol Marcus conheceu Capote.

### 7. EL MOROCCO, RUA 54 LESTE, 154

Onde Marilyn Monroe tirou os sapatos e dançou com Capote.

**8. LA CÔTE BASQUE, RUA 55 LESTE, 5, COM QUINTA AVENIDA**

Local de almoço favorito de Capote e seus cisnes. Cenário também do incendiário “La Côte Basque, 1965”, que quase lhe custou todo mundo que ele dizia amar.

**9. PLAZA HOTEL, RUA 58 E QUINTA AVENIDA**

Frequentado por Gloria Vanderbilt e Russell Hurd, uma das inspirações de Capote para o narrador sem nome de *Bonequinha de luxo*.

**10. FONTE NA ESQUINA NORDESTE DA RUA 52 E AVENIDA PARK**

Locação externa de *Bonequinha de luxo*.

**11. TIFFANY & CO., RUA 57, 727, COM QUINTA AVENIDA**

Local da primeira cena de *Bonequinha de luxo*, rodada no primeiro dia de filmagem, domingo, 2 de outubro de 1960, cinco horas da manhã.

**12. PRÉDIO DE TIJOLOS MARRONS NA RUA 71 LESTE, 169,  
ENTRE TERCEIRA AVENIDA E LEXINGTON**

Chez Golightly no filme *Bonequinha de luxo*.

**13. CONCHA ACÚSTICA NAUMBURG NO CENTRAL PARK,  
RUA 72 E QUINTA AVENIDA**

Locação externa de *Bonequinha de luxo* onde Doc e Paul conversam sobre Holly.

**14. BIBLIOTECA PÚBLICA DE NOVA YORK NA RUA 42  
E QUINTA AVENIDA**

Locação externa de *Bonequinha de luxo*.

**15. RADIO CITY MUSIC HALL, AVENIDA DAS AMÉRICAS, 1260**

Local da estreia em Nova York de *Bonequinha de luxo*, 5 de outubro de 1961.

# A Nova York de Holly Golightly



rua 72 Oeste

Nona Avenida  
Oitava Avenida

rua 57 Oeste

rua 42 Oeste

rua 34 Oeste

rua 23 Oeste

Central Park

Columbus Circle

Central Park Sul

Times Square

Penn Station

avenida das Americas (Sexta Avenida)

13

Quinta Avenida

2

9

11

4

8

5

15

Rockefeller Center

14

Quinta Avenida

avenida Madison

1

rua 54  
rua 53  
rua 52

rua 46

rua 42 Leste

rua 34 Leste

rua 23 Leste

rua 72 Leste

rua 71 Leste

avenida Park

avenida Lexington

Tercera Avenida

avenida Lexington

avenida Lexington

avenida Lexington

rua 61

Primeira Avenida

Segunda Avenida

rua 59 Leste

rua 58

rua 57 Leste

rua 56

rua 55

7

10

Grand Central

3

rua 34 Leste

Tercera Avenida

avenida Lexington

avenida Lexington

avenida Park Sul

avenida Park Sul

avenida Park Sul

rua 23 Leste

rua 23 Leste

avenida York

FDR Drive

East River

*Bon chers amis,*

aquela gente simplesmente *maravilhosa* da Paramount vai exhibir aquele filme divino, *Bonequinha de luxo*, quinta-feira à noite, 6 de julho, e vocês, queridos, estão convidados.

Vou estar no:

Grauman's Chinese Theater (nome esquisito, eh bien?) às 8h30, da noite, claro.

*Estejam* lá porque vai ser uma noite *très* exclusiva, primeira e única exibição até o filme ser lançado no interior e tal para todo mundo comum.

Vou esperar você e votre ami.

Mille tendresse,

Holly

xxxx

*Répondez s'il vous plaît*

Hollywood 9-2411

Ext. 843

(Basta pedir os ingressos para mim ou para Flossie. Não precisar deles para entrar.)

Bon chers amis -

Those simply marvelous people  
at Paramount are showing that  
divine movie, "Breakfast at Tiffany's"  
Thursday evening, July 6th, and  
you, pet, are invited.

It'll be at: Chinese Theater,  
Grauman's. (such a quaint name, eh, bien?)  
at 8:30 o'clock, per em, that is.

Do be there because this  
will be a tres exclusive enter-  
tainment, the first and only  
screening, until the film is  
released to the provinces and so  
on for just every old body.

I'll look for you and  
votre amv.

Mille tendresse,

Holly

x x x x

Repondez sil vous plait

Hollywood 9.24.11

Ext. 843

(Just ask me or Flossie  
for your tickets. You'll  
need them to get in)

Convite para a estreia de *Bonequinha de luxo* em Hollywood, outubro de 1961.

## PRÓXIMA ATRAÇÃO

COMO UM DAQUELES ACIDENTES que não são realmente acidentes, a escolha da “boazinha” Audrey para o papel da “não tão boazinha” garota de programa Holly Golightly mudou o rumo das mulheres no cinema, dando voz ao que até então era uma mudança não expressa no gênero nos anos 50. Sempre houve sexo em Hollywood, mas, antes de *Bonequinha de luxo*, só as garotas más é que faziam sexo. Com poucas exceções, garotas boazinhas no cinema tinham de casar antes de ganhar seu primeiro *fade out*, enquanto as mais provocantes ganhavam *fade outs* o tempo todo e com todo tipo de homem em praticamente todas as posições (sociais). Nem é preciso dizer, no fim elas pagavam o preço pela diversão. As meninas más sofriam/se arrependiam, amavam/casavam, ou sofriam/se arrependiam/casavam/morriam; mas a ideia geral era basicamente a mesma: senhoritas, não tentem fazer isso em casa. Só que em *Bonequinha de luxo*, de repente – porque era Audrey que fazia o papel –, morar sozinha, sair, andar linda e ficar um pouco bêbada não era mais tão ruim. Ser solteira, na verdade, não parecia motivo de vergonha. Parecia divertido.

Embora possam ter deixado passar, ou não ter identificado isso de imediato, as pessoas que conheceram a Holly Golightly de Audrey em 1961 experimentaram, pela primeira vez, a glamourosa fantasia de uma vida de independência desenfreada e excêntrica e liberdade sexual sofisticada; o melhor de tudo,

era uma fantasia possível de se realizar. Até *Bonequinha de luxo*, as mulheres glamourosas do cinema ocupavam um estrato disponível apenas para as damas loucamente chiques, envoltas em cetim debruado de arminho, do *boulevard*, nas quais ninguém, a não ser uma verdadeira estrela do cinema, podia se transformar. Mas Holly era diferente. Ela usava coisas simples. Não eram coisas caras. E pareciam fantásticas.

De alguma forma, apesar da falta de dinheiro e da linhagem interiorana, Holly Golightly conseguia ser glamourosa. Se fosse uma mulher da alta sociedade ou uma modelo, ficaríamos menos impressionados com sua escolha de roupas, mas, como ela saiu da pobreza por esforço próprio – e ainda por cima era uma *moça* –, como usava o estilo para superar as restrições da classe em que nasceu, a Holly de Audrey mostrava que o glamour estava ao alcance de qualquer um, independentemente de idade, vida sexual ou padrão social. O estilo de Grace Kelly era seguro, o de Doris Day não era desejável e o de Elizabeth Taylor – a menos que você tivesse aquele corpo – inacessível, mas, em *Bonequinha de luxo*, o de Audrey era democrático.

E pensar que o filme quase não saiu. Pensar que Audrey Hepburn não queria o papel, que os censores estavam brigando com o roteiro, que o estúdio queria cortar “Moon River”, que Blake Edwards não sabia como terminar o filme (na verdade, ele filmou dois finais diferentes) e que o romance de Capote era considerado inadaptável parece hoje quase engraçado. Mas é verdade.

Bem antes de Audrey assinar o contrato para o papel, todos os envolvidos com *Bonequinha de luxo* na Paramount estavam profundamente preocupados com o filme. Na realidade, no momento em que Marty Jurow e Richard Shepherd, os pro-

dutores, conseguiram os direitos do romance de Capote, deslanchar *Bonequinha* parecia completamente impossível. Não só tinham uma protagonista altamente inflamável nas mãos, como Jurow e Shepherd não faziam a menor ideia de como pegar um romance sem segundo ato, com um protagonista gay sem nome, um drama sem motivação, um final infeliz, e transformá-lo num filme de Hollywood. (Mesmo quando era apenas um livro, *Bonequinha de luxo* já causava comoção. Apesar da enorme celebridade de Capote, a revista *Harper's Bazaar* se recusou a publicar o romance por causa do mau gosto de certas palavras.)

Moralmente, a Paramount sabia que estava em terreno perigoso com *Bonequinha*; tanto que lançou um pelotão de *releases* cuidadosamente escritos, destinados a convencer os americanos de que a Audrey da vida real não tinha nada a ver com Holly Golightly. Ela não era uma *hooker* [vagabunda], diziam; era uma *kook* [excêntrica]. Há uma diferença! Mas, por mais que tentasse, a Paramount não conseguia enrolar todo mundo. “O filme *Bonequinha de luxo* é o pior do ano do ponto de vista moral”, escreveu uma pessoa furiosa em 1961. “Não só mostra uma prostituta se atirando em cima de um homem que vive à custa de uma mulher, como trata o roubo como piada. Acho que o ‘roubo em lojas’ vai aumentar entre adolescentes depois de assistir a isso!” Naquela época, quando a revolução sexual ainda era algo *underground*, *Bonequinha de luxo* significava uma insurgência encoberta, como uma carta de amor que circula na sala de aula. E naquela época, se você fosse pego, o professor teria de expulsá-lo.

Então, com tudo o que havia contra *Bonequinha de luxo*, como conseguiram realizar o filme? Como Jurow e Shepherd con-

venceram Audrey a representar o que era, na época, o papel mais arriscado de sua carreira? Como o roteirista George Axelrod enganou os censores? Como Hubert de Givenchy conseguiu transformar o vestidinho preto que parecia tão sugestivo numa tendência dominante? Finalmente – e talvez o mais significativo –, como *Bonequinha de luxo* levou o público americano a ver que a garota má era na realidade uma garota boa? Não havia como saber na época. Na verdade, se alguém sugerisse isso, o público provavelmente daria risada. Mas Audrey Hepburn, apoiada por todos os outros participantes de *Bonequinha de luxo*, estava a ponto de abalar absolutamente tudo. Este livro é a história dessa gente, de sua luta e desse abalo.